

Da Solidão, e o Seu Gôsto

22.5.66

Rubem Braga

NÃO é a primeira vez que acordo de madrugada com a impressão de que estou sozinho na cidade e no mundo: todos partiram, as ruas e as casas estão desertas, só eu fiquei em meu quarto...

Tive êsse mesmo sonho uma vez em Paris no mês de agosto; a diferença é que lá era um pouco verdade. Quase todos os amigos tinham deixado a cidade; as férias coletivas haviam fechado fábricas, milhares de casas comerciais, meu "bistrot" predileto, minha lavanderia, a livraria da esquina. Minha janela dava para um pátio de escola, em Montparnasse; as crianças também tinham desertado para alguma praia ou montanha distante.

Lembro-me do dia em que recomeçaram as aulas. Eu dormira tarde e acordei com a algazarra matinal; mas fui até a janela e tive um sorriso feliz. Lá estava a garotada de volta. Das crianças eu conhecia ocasionalmente duas: um menino muito magro, sardento, de cabelos ruivos e uma menina extraordinariamente alva, de cabelos negros.

Fiquei na janela vendo-os brincar, quase todos agora muito queimados de sol, mas não aquela menina côr de giz, tão pateticamente linda com seus cabelos pretos amarrados por uma fita. O garoto ruivo notou minha presença, me acenou dizendo alguma coisa que não entendi. Joguei-lhe uma fruta, que êle pegou, ágil. Outros garotos olharam para minha janela rindo, gritando, pedindo frutas também. Fiz sinal de que não tinha mais nenhuma, abrindo os braços, mostrando as mãos vazias; e êles me deram uma alegre vaia. Paris não estava mais vazia; a vida voltara...

DN 24.10.58

M 468